

A GEOGRAFIA ESCOLAR NÃO SERVE PARA QUASE NADA, MAS ...

Nestor Andre Kaercher ¹

A geografia escolar não serve para quase nada, mas ...
Para Porto Alegre, que me inspira com suas árvores e gentes.
Para Kafka, machado-monstro no meu mar.

Resumo

Objetivos: refletir acerca de algumas praticas de sala de aula da geografia escolar no estado do Rio Grande do Sul (Brasil), bem como propor que a docência da geografia incorpore as categorias espaciais - sobretudo espaço, territorio, lugar, região, natureza - como um exercicio ontológico que pense permanente espaço, tempo e cultura como constituidoras da condição humana.

Método: utilizando relatos de estagiários da licenciatura em Geografia questionamos a pratica dos docentes da disciplina no Ensino Fundamental e Médio. Valendo-nos da poesia (Fernando Pessoa), da literatura (Guimarães Rosa) e de autores da geografia (varios), bem como do sociologo Edgar Morin queremos propor temáticas para a renovação das praticas docentes.

Contribuições: refletir sobre a pratica docente da geografia escolar, propor alternativas de temas e de didáticas que auxiliem os docentes na busca de uma maior atratividade e reflexividade da disciplina.

Palavras-chave: geografia escolar, ensino de geografia, literatura e poesia na geografia, práxis docente

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: nestorandre@yahoo.com.br

Introdução

O título do texto que segue é uma provocação. Diante de tantos relatos de práticas docentes que mostram aulas distantes de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos do Ensino Fundamental e Médio – a Geografia escolar – proponho pequenas utopias de práticas que possam manter viva a chama da renovação e da reflexão em nossa docência. Sim, a educação, os professores e as nossas aulas podem muito pouco, mas este pouco não é nada desprezível. É vero, a escola não pode mudar o mundo, mas pode, pensando-o, ser ponto de partida para a busca de novos caminhos e horizontes, não só para a escola, mas também para nossa convivência fora dos muros da escola. Buscando sempre a utopia de discutir valores com nossos alunos, sem a pretensão de impor os nossos ideais como sendo os corretos. Continuo crendo no poder iconoclasta e iluminista, grande contradição, de nossa ação docente. Valho-me, então de Kafka:

“Se o livro que estamos lendo não nos acordar com uma pancada na cabeça, para que o estamos lendo? (...) Precisamos de livros que nos afetem como um desastre, que nos angustiem profundamente (...) como ser banidos para florestas distantes de todos, como um suicídio. Um livro tem de ser o machado para o mar congelado dentro de nós” . Kafka in Begley, p. 176)

Este texto quer propor a busca do belo na docência. Quer estimular o desenvolvimento da imaginação em nossas aulas, aqui particularmente propondo o recurso da literatura, das imagens e charges encontradas cotidianamente nos jornais. Pretende estimular a elaboração de perguntas que aqui vou chamar de ‘**perguntação**’. Atrevo-me a usar este neologismo – como forma de aumentar não só o diálogo entre discentes e docentes, mas também a reflexão dos alunos sobre questões do seu dia a dia tendo o espaço como matéria-prima de reflexão da sociedade que temos e que queremos. Enfim, através do belo, da imaginação e da interrogação estimular a produção oral e escrita dos alunos na direção de um ensino que atraia o aluno e estimule-o a uma leitura mais argumentada e plural do mundo. Propor atividades simples, de baixo custo (geografia do custo zero, gcz), mas que contribuam na busca de uma docência levedensa (outro neologismo): leve na forma (método), densa na capacidade de interpretar e intervir no espaço vivido.

Pretendo fazer esta reflexão através de pequenas práticas didáticas em que, novamente², priorizo a cidade como foco de reflexão. Por fim, mas não por último, homenagear a cidade que me acolhe, Porto Alegre. É Porto Alegre que me inspira. Se escrevo em outubro (2010), é época em que os jacarandás (*Jacarandá mimosaeifolia*) estão floridos, formando em várias ruas um tapete escandalosamente lilás/roxo. Se complemento o texto em dezembro são os flamboyants a jogar suas flores vermelhas na minha cara. Se lapido o texto em março quem dá seu escândalo são as paineiras que, contrapõem seus grossos caules espinhentos com delicadas flores em variados tons de rosa. Shows gratuitos!

Pensar na **cidade que me acolheu, Porto Alegre** me leva a pensar, com perdão da pouca criatividade, Mário Quintana e seu poema:

O Mapa (Quintana, 1997, p. 67-8)

“Olho o mapa da cidade // como quem examinasse // A anatomia de um corpo ... //

(É nem que fosse o meu corpo!) //

Sinto uma dor infinita // Das ruas de Porto Alegre // Onde jamais passarei ... //

Há tanta esquina esquisita, // Tanta nuance de parede, // Há tanta moça bonita //

Nas ruas que não andei // (E há uma rua encantada // Que nem em sonhos sonhei ... //

Quando eu for, um dia desses, // Poeira ou folha levada // No vento da madrugada, // Serei um pouco do nada // Invisível, delicioso //

Que faz com que o teu ar // Pareça mais um olhar, // Suave mistério amoroso, //

Cidade de meu andar // (Desde já não tão longo andar!) //

E talvez de meu repouso ...”

² EGAI, (Montevideo, 2009) e Editora A (prelo) tenho essas reflexões já sistematizadas.

A geografia e seus professores podem pouco, mas...

Parto do pressuposto da nossa enorme dificuldade – tão comum na área da educação e da formação de professores - em mudar, para melhor, claro, a administração da escola e das nossas aulas. **A dificuldade que temos de superarmos o diagnóstico do que funciona mal para a efetiva resolução** dos problemas enfrentados. Falar mal do que não funciona ou dizer o que e como os outros – sempre nos excluindo destes outros – devem proceder é a regra na docência, quando sempre partimos do pressuposto que os outros estão em débito e nós somos o (bom) modelo.

Claro, nossos limites são enormes, enfrentamos obstáculos que superam nossa capacidade de intervenção (basta imaginar quantas famílias desestruturadas ou ausentes afetam a capacidade e o interesse dos alunos em nos ouvir, aprender, etc.). Mas, e sendo um otimista, talvez ‘abobado’ ou desinformado, penso que algo podemos com nossas aulas. Estimular a capacidade de reflexão acerca do mundo que nos envolve é tarefa indeclinável de qualquer professor. Ajudar o aluno a ler e dizer sua palavra, idem. Estimular uma leitura mais plural e dinâmica do mundo também é tarefa que nós não podemos abrir mão. E tudo isso, embora nos soe como ‘tarefa’, ‘obrigação’ e tem algum peso, também é seu par dialético: possibilidade, desafio e alegria.

A imaginação, o belo e a interrogação como elementos orientadores na busca da docência significativa ao aluno

“Estou na Assicurazioni Generali³ e tenho alguma esperança de algum dia sentar-me em cadeiras em países distantes, contemplando canaviais ou cemitérios maometanos pelas janelas do escritório...” (Kafka in Begley, p.37)

Longe de pensar que tudo são espinhos. Já estamos em dezembro, os jacarandás já estão bem menos floridos – formam comumente tapetes lilases nas calçadas e temos o privilégio de vermos pessoas varrendo flores e colocando-as no lixo. É uma imagem forte:

³ Cia. de seguros italiana onde Kafka trabalhava em Praga.

flores no lixo mostram, inclusive, a pujança e a riqueza deste país. O nosso lixo é rico, já se deram conta disso? Estamos em dezembro e agora quem estão todos exibidos são os flamboyants, menos numerosos, mas nada discretos com suas flores vermelhas.

Mas, voltemos à Geografia, à escola. Voltemos ao que pode nossa docência. Fugir um pouco da realidade com a literatura e com a imaginação que ela nos desperta pode ser não uma simples fuga (alienação), mas seu oposto, uma luta concreta, em pequenos gestos, para enfrentar a aridez e a monotonia da sala de aula e da escola. A fuga que proponho aqui nada tem de desmobilização, desânimo ou indiferença. Pelo contrário, a fuga tem o objetivo de enfrentar o marasmo, propor saídas que nos aproximem dos alunos e nos mantenham criativos, propositivos e na busca de uma docência reflexiva e criadora.

Exercício um

Fotos e plantas de casas e apartamentos. Você conhece seus alunos?

A proposta é bem simples. Coletar, em jornais ou em propagandas destas distribuídas em semáforos, propagandas de empreendimentos imobiliários. Pode-se também juntar algumas fotos de casas ou apartamentos em revistas. Eu selecionei poucas e exemplifico para vocês copiarem fazendo melhor. Não vou discutir aqui neste texto aspectos plenamente possíveis e necessários da geografia tais como: escala (no geral inexistente nas propagandas, tudo fica ‘perto’ assim. Mais: planta baixa e área dos imóveis (muitas vezes os nossos móveis não caberiam ali); equipamentos públicos nas proximidades dos empreendimentos; infra-estrutura interna dos condomínios, cada vez mais se parecendo com clubes a fim de evitar que o morador precise sair do seu ‘casulo’ (o tema da violência urbana, dos transportes públicos vem junto); padrões de consumo e viver que se copiem e espalham (sem entrar aqui no julgamento de se é ‘bom’ ou ‘mau’), etc. Estas e outras questões mais você facilmente elencaria ao deixar seus alunos observando as propagandas que são, em si, material de análise geográfica, pois educar o olhar para detalhes é tarefa instigante que a geografia tem se descuidado um pouco. Por falta de espaço, deixo-as para tu viajares, amigo. O combustível são teus alunos. Voltemos as imagens que selecionei:

- a) Uma mansão carioca, de estilo inglês, para ser alugada, dois andares, belo jardim,

- b) Um conjunto habitacional visto de uma foto oblíqua (9 blocos de 4 andares, 172 unidades),
- c) Um edifício – lançamento anunciado em página dupla de jornal – com o título “Realize o sonho do lazer próprio”. 2D = 57m²; 3D = 68m² (1 suíte). Detalhe: não aparece o edifício, só uma criança na piscina do empreendimento. O mapa de localização diz “sem escala”.
- d) Um lançamento (400 a 800 m², 4 suítes, 5 vagas na garagem): “Nasce um projeto único a poucos passos do Parque Y”. Planta baixa do apartamento em páginas dupla.
- e) Também em página dupla de jornal: “Seus novos vizinhos estão trazendo novidades ao lado do Parque Z. Apenas 4 torres em mais de 24 mil m² de terreno. Apts. de 2 e 3 dormitórios: 68 e 87m²”. (aparecem parte de duas das quatro torres em pequena porção da folha, menores que a figura de 3 filhotes de patos (amarelos) e um esquilo.
- f) Em página dupla, foto aérea (oblíqua) de um terreno (onde será o novo empreendimento): “O empreendimento mais desejado de Y: terreno com 60% de áreas verdes preservadas. Lazer completo para você viver um dia melhor que o outro”. Aparecem os principais atrativos do entorno ao terreno.
- g) Um desenho (página inteira) de um conjunto habitacional popular (visão aérea, oblíqua): “400 famílias estão abrindo um sorriso porque vão abrir uma casa nova”.

A partir desta pequena seleção (penso que não convêm abrir demais o leque de imagens pois o excesso pode ser dispersivo) podemos pensar temas geográficos, bem como o belo, a imaginação e a perguntação. Preconizo que não precisamos exagerar no material oferecido para ser analisado, mas o oposto, o fundamental é que se façam perguntas que orientem a reflexão.

Algumas perguntas que são possíveis. Insisto: escreva no quadro as perguntas e cobre dos alunos a resposta por escrito. A escrita é um exercício que devemos praticar –e cobrar – deles.

1. Quem vive nestas casas? Quantas pessoas por casa? Que profissões tem? Qual o salário médio?

2. Onde e como se divertem?
3. Que meios de transporte utilizam?

Sobre o conjunto habitacional (400 casas) podemos responder (sugiro duplas ou trios).
Desaconselho individual ou grupos grandes.

- a. Onde e como se divertem? É no próprio conjunto habitacional?
- b. Que meios de transporte usam?
- c. Onde passam as férias? Saem da cidade?
- d. Onde estudam? Que profissões desejam ter os jovens?

Um outro exercício possível e bem interessante seria:

- a. Além das 400 casas construídas, que equipamentos você construiria. Cite três intervenções para melhorar a **qualidade de vida** destas pessoas.
- b. Se você fosse gestor público e tivesse liberdade para **criar uma escola** como ela seria fisicamente? Pense duas coisas que você manteria das escolas atuais e duas que você mudaria?

Aliás, este tema poderia ser ampliado: como seria a educação das crianças e jovens? Poderíamos propor algumas questões – agora estou pensando em você professor - que extrapolassem a fisicidade da escola: como seria o currículo desta escola? Quais conteúdos seriam priorizados? E a avaliação? Que tipo de professor você escolheria para dar aula ali? Que tipo de aluno buscaríamos construir? Por que hoje estamos distantes (ou não) deste modelo?

Sempre estamos idealizando (whisfull thinking) o ... ideal! Nada contra, mas mantenhamos os pés no chão pois o sonho só se concretiza se trabalharmos com os pés no chão.

Este confronto entre a escola atual/real com uma ‘do futuro/ideal’ é importante para vermos quão difícil é sair da mera idealização e irmos para o enfrentamento dos obstáculos cotidianos.

Vamos pensar agora especificamente nas crianças, seja do conjunto habitacional, dos apartamentos de distintos padrões e da referida mansão:

- I. Como é o café da manhã das crianças? Qual a bebida preferida das crianças?
- II. Qual é o almoço de domingo?
- III. Que música/ritmo musical preferem?
- IV. Que brincadeiras os divertem? Quais são feitas dentro do lar ou fora dele? Que espaços de socialização tem, além da escola e da casa?
- V. Quais os seus ídolos? Qual é o trabalho destes?
- VI. Quais são os seus maiores medos e sonhos?

Estas perguntas podem ser hipoteticamente respondidas usando estes anúncios comuns de jornal ou distribuídos em esquinas, nas sinaleiras. Volto então com a ideia da **‘gcz, geografia do custo zero**. Se o professor estiver atento ao mundo que circula nele encontrará materiais, e, sobretudo, perguntas que são passíveis de discussão em aula.

Penso que as imagens/fotos são ponto de partida para imaginarmos não só os espaços, a fisicidade, da sua cidade, mas como vivem as pessoas que ali habitam. Pessoas de carne e osso, medo e desejo, que compõem aquele componente curricular de qualquer série: geografia da população. Os próprios se alunos e o professor responderem as questões acima, teremos um bom material geográfico/antropológico para nossas aulas. Afinal, também somos ‘população’

Com isso estou perguntando a você leitor, - um professor já em ação ou em formação – **você, afinal, conhece seus alunos?** Você conhece as preferências deles? Volto ao que já escrevi em outros textos: a geografia como reflexão ontológica. A geografia como forma de pensar o ser/estar no mundo. A geografia como ponte entre pensar o indivíduo (o eu) e o coletivo (você, o ‘não-eu’, o ‘outro’).

Veja que nestas perguntas – que não são retóricas pois considero-as, de fato, importantes e muito úteis para darmos nossas aulas – há uma **‘virada epistemológica’** fundamental para nós professores. Explico: é muito comum que nós nos referirmos aos nossos alunos de uma forma negativa. Os alunos não sabem, os alunos não lêem, os alunos não escrevem bem, os alunos não se comportam, os alunos não nos tratam com respeito, os alunos não, enfim, os alunos sempre são definidos à priori, negativamente. Eles sempre

estão nos devendo, ainda que na maioria das vezes o nosso aluno ideal seja apenas fruto de nossa imaginação (whisfull thinking = pensamentos desejosos). Nunca existiram tais alunos que já chega(ria)m até nos sabendo tudo, seja no ponto de vista cognitivo (ler, escrever, expressar-se bem) seja do ponto de vista comportamental. Justamente por isso, por precisarem ser educados é que estão na escola. Aqui não vamos entrar na discussão tão sensata quanto pouco produtiva: sim, nossos alunos estão com uma série de deficiências que deveriam ter sido abordadas/tratadas no seio da família ou até mesmo pelos colegas professores que nos antecederam. Não quero imputar culpabilidades. Estou constatando a problemática: se os alunos apresentam carências e comportamentos não ideais, o que eu/tu professor podemos fazer? Da problemática para a ... solucionática!

De fato, desde a deseducação (incivilidade que às vezes beira o barbarismo comportamental) básica no trato até a desimportância dada ao estudo e à própria escola) são amplamente constatadas. Mas nós.pouco podemos interferir na educação familiar que se dá (ou não) dentro das casas deles. Nós, professores, desafortunadamente, apenas colhemos suas conseqüências, no geral, na forma de mais trabalho e incomodação. Otimista sou, penso que se pode minorar estas lacunas no processo escolar.

Mas voltemos ao tema da virada epistemológica. Qual a virada epistemológica? Se me aproximo dos alunos com curiosidade real, fazendo-lhes perguntas que me fornecerão informações sobre o mundo cotidiano, inclusive o mundo simbólico, terei um canal de comunicação e informação que me facilitará tanto na parte comportamental como do conteúdo de geografia. Lembremo-nos que a geografia sempre estudou ‘população’ de qualquer país/região do mundo. O problema é que não raro a geografia ‘esquece-se’ de estudar/interrogar sobre a população que talvez mais nos devesse interessar, a dos nossos alunos e seus familiares. Esquece porque sua visão epistemológica é conservadora e um tanto alienada do seu papel ontológico de interrogar acerca da realidade vivida.

Assim, reafirmo a necessidade de nós professores nos interessarmos em ouvir, dialogar – tensionando suas falas e idéias, pois não basta dizer qualquer coisa, há que se argumentar, defender sua posição de forma inteligente e não abobadamente – e entrar no mundo simbólico dos alunos. Até para terem força de enfrentarem as situações comuns como a que citei no início do texto: burocracia, desencanto, frustração. Entrar no mar congelado e imaginar lugares e novas sociedades.

Exercício dois

Ler o espaço além dos livros e das paisagens: as marcas mais lembradas

Outro exercício bem simples (gcz). Usei um encarte distribuído num jornal, com as marcas comerciais mais lembradas no Brasil. Prêmio ‘Top of Mind 2010’, Folha de S. Paulo, novembro de 2010.

Distribui uma página que continha somente o logo das empresas. Solicitei que não escrevessem nada na folha para que eu pudesse usá-la em outras turmas. Se sua turma é pequena, ou eles são ágeis, sugiro logo dar duas folhas, com duas empresas para eles responderem.

Elaborei as perguntas abaixo, que distribui para eles. Solicite que respondam no caderno, assim você recolhe as folhas e pode usá-las com outros grupos. As questões eram:

Responda as perguntas abaixo:

1. Nome (marca) do produto: _____
2. O que faz/o que é o produto: _____
3. De onde é a matriz? (Brasil ou estrangeiro): _____
4. Quem é o dono da empresa (pessoa, família, acionistas): _____
4. Onde é feito o produto? (Brasil ou estrangeiro): _____
5. Qual a matéria-prima principal utilizada: _____
6. Empresa privada ou pública: _____
7. Você consome ou tem em casa o produto: _____
8. Que classe social o consome: _____
9. Como chega até sua casa? Por onde passa até chegar em você: _____
(monte a rede de locais por onde ele passou até chegar em você)
10. Onde você guarda esse produto na sua casa: _____
(em que peça da casa, em qual móvel)

Depois pedi para fazerem em casa (calma, este ‘tema de casa’ eles fazem. Gostam, e o que é melhor, descobrem coisas legais que vão nos ajudar a continuar a aula):

Entre no site da empresa. Responda:

- a) O que você aprendeu no site? (escreva duas linhas com duas aprendizagens)
- b) Crie uma pergunta sobre o produto, sua fabricação, enfim, com algo que não ficou bem entendido. Tente responder a sua pergunta (se não conseguir, não tem problema).

O resultado é bem simples: muita participação, muita descoberta, muita dúvida, muitos temas de geografia. Não tem série para trabalhar isso!

Alguns temas que me são atraentes para geografarmos e alguns comentários mínimos ...

1. **Use imagens.** Vivemos num mundo imagético. Os olhos são os sentidos, provável, dos mais usados. Refletir sobre o que se vê é tarefa nossa. Imagem aqui como sendo: o *out door*, a rua, a foto, a manchete do jornal, o calendário, o rótulo, a capa da revista, a página da internet, etc.

2. O produto não precisa ser algo concreto, material, uma coisa palpável (um banco, um cartão de crédito),

3. É comum não sabermos as respostas: onde é feito, quem é o dono, qual a matéria-prima, etc.

4. Discutir o que é público e privado, o que é nacional ou estrangeiro⁴,

5. Pedir pra mapear o percurso, fazer as redes: da matéria-prima até sua casa são vários os pontos,

6. A discussão do consumo⁵ (eu sempre acho o meu consumo racional, vocês é que são os consumistas!), das classes sociais, da relação sociedade-natureza são temas bem pertinentes.

Quero destacar que pensar o Estado, o público e o privado são questões bastante geográficas. Sugiro que, através destes conceitos possamos ainda discutir: sociedade civil, democracia, propriedade privada, lutas sociais, organizações não-governamentais, etc.

⁴ Algo já proposto em REGO, N. ET al (2007, p.22)

⁵ Gosto de brincar com meu público: O que vocês fariam se tivessem cem reais? E se tivessem mil reais? E dez mil? E cem mil? Sorrisos vão aparecendo nos lábios e as respostas...

Concluindo: você docente pode muito pouco, mas este pouco ...

Buscar a **geografia do custo zero (gcz) e pensar sobre o que se vê (qsv)** não implica em se conformar com a pobreza de nossas escolas. Significa que podemos incluir nossos alunos no próprio planejamento de nossas aulas e conteúdos porque a geografia deve falar dos espaços e pessoas que vivemos e com quem convivemos.

Fazer perguntas é uma estratégia de sedução e curiosidade com o meu aluno. Desejo que ele deseje me ouvir, prestar atenção no que eu falo. Para isso é conveniente que eu também proponha ouvi-lo com atenção, inseri-lo na geografia do cotidiano da sala de aula.

Temos mais liberdade dentro da sala de aula que imaginamos. Depois que você professor fecha a porta da sua sala pode muita coisa com a geografia.

A geografia, a docência, a educação podem muito pouco, mas este pouco não é nada desprezível. Descubra este ‘nada desprezível’! Ai está o belo da nossa profissão. Ver nossos limites para não desanimar com eles, mas para buscar novos pactos e idéias.

Não, você não vai mudar o mundo com suas aulas, **mas pode, com suas aulas, mudar a indiferença do seu aluno para com a geografia.** Para mim, tão acostumado a ouvir (maus) relatos das aulas de nossa disciplina, isso já é uma baita revolução.

Imaginação, busca do belo e perguntação são, a meu ver, a busca do sentido da boa docência⁶. Hoje essas palavras me movem na busca constante de encantar o meu ouvinte/leitor/aluno (é, não sou modesto) ou, no meu insucesso, pelo menos, reencantar-me para que eu continue, ao sair a rua, não levar tão a sério os mails com que abri meu texto.

Finalizo com Alves:

“Amo os ipês, mas amo também caminhar sozinho. Muitas pessoas levam seus cães a passear. Eu levo meus olhos a passear. E como eles gostam! Encantam-se com tudo. Para eles o mundo é assombroso”.

Leve seu olhos a passear. Assombre-se. Se não quiser, tudo bem. Mas, por favor, assombre seus alunos, pois eles são a razão e a emoção da nossa profissão.

Vem comigo!?

⁶ In TONINI discuto isso (p. 205-220).

Porto dos jacarandás, ipês e flamboyants, abril de 2011.

Bibliografia

ALVES, Rubem. Os ipês amarelos. **Folha de S. Paulo**, C-2, 24/8/2010.

BEGLEY, Louis. **O mundo prodigioso que tenho na cabeça: Franz Kafka: um ensaio biográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio; KAERCHER, Nestor. **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUINTANA, Mário. **Quintana de bolso**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

TONINI, Ivaine Maria (org) et al. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011.